

**LÍNGUA PORTUGUESA
DA GENERALIDADE À ESPECIFICIDADE**

Célia Maria Paula de Barros (UFF)

Fernanda de Oliveira Marconi da Costa (UFF)

Maria Antonia da Costa Lobo (ABRAFIL)

Washington da Silva Reis (UFRJ)

RESUMO

A priori, o processo de comunicação é um ato provisório e dependente de uma hierarquia interacional, baseada na expressividade que visa a alcançar objetivos amplos, em função de um contexto no qual o referido processo se insere.

Este contexto passa por um processamento cognitivo que envolve conhecimentos prévios recorrentes a uma memória do cotidiano, através de imagens ineridas em mensagens explícitas ou implícitas – intenções comunicativas não faltam!

Desde que percebidas e identificadas, essas intenções são, em verdade, integradoras de sentido e de significação para uma efetiva expressividade, em diferentes áreas de conhecimento que da língua portuguesa se servem.

Palavras-chave: Língua portuguesa, Lexicologia, Semântica, Significado

INTRODUÇÃO

A língua não é uma nomenclatura, mas um instrumento de comunicação que nos permite a análise da realidade que lhe é exterior, ressaltou Martinet em Éléments de Linguistique Générale.

Essa comunicação efetivamente passa por um processo que tem por base a Semântica – o termo técnico usado para designar o estudo do significado.

Consoante F.R.Palmer (s/d.):

O termo semântica foi recentemente introduzido na língua inglesa. Embora se verifique uma ocorrência do termo semantic na frase semantic philosophy (filosofia semântica), onde surge como o significado de divination (adivinhação ou previsão), frase essa que data do século XVII, só voltou a surgir com a forma semantics, num trabalho apresentado na Associação Filológica Americana, em 1854, com o título Reflected meanings: a point in semantics (significados reflectidos: sua relação com a semântica). O termo francês sémantique tinha sido formado a partir do grego, por Michel Bréal, no ano anterior. No entanto, e nas duas ocor-

rências que acabamos de refletir, o termo não foi usado em relação ao significado, mas sim à sua evolução. (...) Em 1900, contudo, surgiu o livro de Bréal: *A Semântica: estudos sobre a ciência do Significado*; o original francês tinha sido publicado três anos antes(...).

Porém, o termo *semantics* só se impôs ao fim de algum tempo.

Contudo há um uso curioso porque, se as palavras têm um determinado significado, como é possível o indivíduo não ser capaz de dizer exatamente aquilo que quer, isto é, como é que as palavras podem não significar aquilo que significam?

Admite-se que existe a possibilidade de as palavras não terem o significado que, mais obviamente, se poderia pensar que tinham – existe um outro significado, além do literal.

Apesar de a linguagem ser considerada basicamente como um sistema de comunicação, nem sempre é portadora de mensagem propriamente dita, em especial se a mensagem tiver o sentido de informação; uma parte da respectiva função remete para relações sociais.

No estudo da linguagem, é fundamental que se considerem ainda a linguagem escrita e a linguagem falada. Alguns fatos são facilmente comprováveis:

- muito antes de escrever o Homem falou, e há ainda línguas às quais não corresponde uma escrita;
- muito antes de aprender a escrever, uma criança aprende a falar ;
- a linguagem escrita pode, na maior parte, ser convertida em discurso; mas o contrário não é verdadeiro: quando se escreve algo que foi dito, perde-se sempre muito; e
- passa-se muito mais tempo a falar do que a escrever.

ESPECIFICAÇÃO – O RECURSO MAIOR

Uma língua armazena experiências remotas, tão banalizadas pelo uso cotidiano, que as respectivas motivações iniciais são perdidas pelo caminho. Logo, é fundamental o conhecimento da história de uma cultura e da maneira de representar o cotidiano pelo uso das

palavras.

As palavras têm uma história. Elas nascem, evoluem, transformam-se e, às vezes, desaparecem. A história de cada palavra está ligada àquela do homem, da sua respectiva fala, da própria evolução, crescimento e transformação.

As palavras podem ser apre(e)ndidas, a partir de um simples olhar para um objeto e da necessidade de se penetrar na nomeação do mesmo (palavra-objeto), podendo uma conferência ocorrer em consulta(s) a dicionário(s).

Desse modo, é fundamental pesquisar os componentes de uma palavra, seja fracionando-a, seja reconstituindo-a. Trata-se, em verdade, de um trabalho que demanda esforço e um grau de conhecimento variado sobre múltiplos aspectos, não apenas lingüísticos, como antropológicos, notadamente sociais - o contexto em que surge ou se insere.

ESPECIFICIDADE: UMA QUESTÃO DE NECESSIDADE.

Especificidade Jurídica

Consoante Diniz:

Jurista (Teoria Geral do Estado).

1. Aquele que, por ser profundo conhecedor do direito, escreve livros ou monografias jurídicas com assiduidade.

2. Na linguagem comum: a) aquele que empresta dinheiro a juros; b) aquele que, tendo títulos de dívida pública, recebe os respectivos juros; c) aquele que vive da aplicação de capitais em múltiplos de cujas operações tira juros; d) capitalista.

Lei (Teoria Geral do Direito) 1. Produto da legislação. 2. Norma jurídica, escrita ou costumeira. Em sentido amplíssimo, a lei é toda norma geral de conduta, que disciplina as relações de fato incidentes no direito e cuja observância é imposta pelo poder estatal, como, por exemplo, a norma legislativa, a consuetudinária e as demais, ditadas por outras fontes do direito, quando admitidas pelo legislador. 3. Em sentido amplo, abrange a norma jurídica escrita, seja

a lei propriamente dita, decorrente do Poder legislativo, seja o decreto, o regulamento ou outra norma baixada pelo Poder Executivo. Compreende todo ato de autoridade competente para editar norma geral, sob forma de injunção obrigatória, como: a lei constitucional, a lei complementar, a lei ordinária, a lei delegada, a medida provisória, o decreto legislativo, a resolução do Senado, o decreto regulamentar, a instrução ministerial, a circular, a portaria e a ordem de serviço. 4. Em sentido estrito ou técnico, é apenas a norma jurídica elaborada pelo Poder Legislativo, por meio de processo adequado.

De acordo com Houaiss:

Lei 1. regra categórica. 2. regra, prescrição escrita que emana da autoridade soberana de uma dada sociedade e impõe a todos os indivíduos a obrigação de submeter-se a ela sob pena de sanções (as l. do código civil) (as l. penais)(**a ninguém é permitido ignorar a lei**) 3. O conjunto dessas regras.

Comparando-se as informações contidas nas duas fontes de consultas, depreende-se que, para se entender o significado de LEI, é necessário *a priori* conhecer o significado de outras palavras utilizadas para conceituar ou definir LEI.

Logo, o que é norma? E o que significa regra (jurídica, costumeira, legislativa, consuetudinária e categórica)?

Segundo Diniz:

Norma (Teoria geral direito). 1. Preceito de direito. 2. Padrão de comportamento. 3. Fórmula abstrata do que deve ser. 4. Modelo. 5. Ação que se dirige a fim previsto.

Para Houaiss:

1. aquilo que regula procedimentos ou atos; regra, princípio, padrão.
2. Padrão representativo do desempenho usual de um dado grupo.

Depois de cotejos e confrontos, entenda-se o que é Lei – até mesmo pela obrigação de cumpri-la.

E no caso de um indivíduo ter necessidade de ser representado por alguém?

Será que qualquer indivíduo sabe conscientemente que se tornará um outorgante ou um outorgador?

Consoante Diniz:

Outorgador 1. Mandante. 2. Que outorga. 3. Que confere poderes. 4. Que autoriza ou permite a prática de um ato. 4. Aquele que transfere ou aliena uma coisa a outrem.

Considerando que não existe outorgante sem outorgado, logo:

Outorgado (Diniz) 1. Aquele em favor de quem se opera a outorga. 2. Mandatário. 3. Sujeito passivo da outorga. 4. Aquele que foi autorizado por outrem para realizar um ato.

E ainda mais:

Outorga (Diniz) (Direito civil) 1. Autorização; b) consenso; c) permissão para a pessoa praticar certo ato, sem a qual não seria válido; d) concessão de poderes por meio de mandato.

Em que *situação* (jurídica) as palavras **outorga, outorgante e outorgado** seriam, por exemplo, usadas?

Em especial, em caso de procuração.

Procuração (Diniz). (Direito civil). 1. Instrumento do mandato, contendo as especificações dos poderes conferidos ao mandatário para que este, em seu nome, pratique atos ou administre interesses. 2. Instrumento pelo qual uma pessoa física ou jurídica, outorga a outrem poder de representação (Pontes de Miranda).

A especificidade na informática

Ramo do conhecimento dedicado ao tratamento da informação mediante o uso de computadores e demais dispositivos de processamento de dados, a palavra informática data de 1962 (Houaiss).

Essa área de conhecimento também é responsável por uma especificidade, mesmo que seja via estrangeirismos.

Assim:

Baixar 5. Transferir para o computador que está sendo operado pelo usuário, estando dois computadores por linha telefônica ou por outro canal de telecomunicações. Ter acesso a.

Deletar: embora existente em latim, entrou no Brasil, em 1975, com uso, a princípio, informático, significando apagar.

Digitar: pelo uso de um teclado, que dispõe de letras, números e sinais, fazer aparecer, na tela do computador, caracteres, recor-

rendo-se ao uso das pontas dos dedos.

Outrora, era o datilografar; hoje, o digitar.

Mudam-se os instrumentos, mas o ato de escrever permanece.

Menu. 4. (1979) Lista de opções ou entradas posta à disposição do usuário que aparece em um vídeo de um terminal de um computador com as funções que ele poderá realizar por meio de um programa ou de um *software*.

Navegar consultar seqüencialmente diversos hipertextos, acionando os *links* neles contidos para passar de um para o outro.

Novamente, a necessidade de se saber o que é um hipertexto¹⁰ e o que é um *link*.

Software (1965) 1. Conjunto de componentes lógicos de um computador ou sistema de processamento de dados; programa, rotina ou conjunto de instruções que controlam o funcionamento do computador, suporte lógico. 2. Todo programa armazenado em discos ou circuitos integrados de computador.

A especificidade matemática

Bem cedo, o indivíduo, sem percebê-lo, começa a se deparar com especificidades em escolas, no decorrer das aulas, chegando a travar contato até mesmo com a língua grega: é a presença do alfabeto grego(alfa (α), do beta(β)...), tão utilizado em aulas de geometria e de trigonometria...

Além de ter domínio desse alfabeto, será indispensável poder aceder a um léxico todo específico. Caso contrário, as informações transmitidas pelo Professor não serão apreendidas pelo aluno presente às aulas.

Logo, é fundamental identificar e decodificar toda uma termi-

¹⁰ Forma de apresentação de informações em um monitor de vídeo, na qual alguma elemento (palavra, expressão ou imagem) é destacado e, quando acionado (geralmente mediante um clique de mouse), provoca a exibição de um novo hipertexto com informações relativas ao referido elemento; hiperímida.

nologia específica, a saber:

- **anel**: conjunto com duas operações com determinadas propriedades;
- **base**: elemento que se repete na multiplicação em uma potência;
- **composição**: é transformação de duas funções em uma única;
- **conjunto**: reunião de elementos com características comuns;
- **demonstração**: comprovação que determinada afirmação é verdadeira;
- **domínio**: conjunto que compõe uma função.
- **elemento**: cada componente do conjunto.
- **grupo**: conjunto onde está definida uma operação com determinadas propriedades;
- **imagem**: elemento do contradomínio associado ao elemento do domínio;
- **neutro**: elemento que operado com o outro o resultado é o outro.
- **operação**: função que associa um par ordenado de elementos de um conjunto a um terceiro elemento;
- **potência**: corresponde a um produto de fatores iguais;
- **raiz**¹¹: é o inverso da potência.

A aprendizagem não poderá prescindir do conhecimento linguístico.

¹¹ Quadrada: um número elevado ao quadrado representa a área de um quadrado, cujo lado é esse número.

Cúbica: um número elevado ao cubo representa o volume de um cubo, cuja aresta é esse número.

Especificidade médica

Na área médica, em função de um significado que apresente maior adequação, verificam-se, muitas vezes, mudanças linguísticas, conforme as apresentadas a seguir:

1. aparelho digestivo passou a ser designado por sistema digestório.

Considerando-se que aparelho é a soma de sistemas e que a digestão envolve só um, daí a substituição de aparelho por sistema. Se digestivo é aquilo que facilita, digestório é o local onde ocorre a digestão. Logo, *surge sistema digestório*;

2. perônio foi substituído por **Fíbula**. Perônio é, em verdade, diminutivo de peroné (cravelha¹² (ponta), em francês), botão que ajusta as cordas do violino; fíbula corresponde à união, conforme é o caso do osso que une a parte superior e a inferior da tibia;

3. o tão conhecido Pomo-de-Adão passou à **Proeminência laríngea**. Pomo foi associado à maçã e na simbologia teria migrado para o pescoço do homem por alusão ao pecado original (Adão teria se engasgado com um pedaço de maçã) (fato alusivo à religião);

4. trompa de Falópio também não escapou à mudança e se transformou em **tuba uterina** (epônimos foram abolidos);

5. tendão de Aquiles *transformou-se* em **tendão calcâneo** – calcâneo é o osso ao qual o tendão é preso. E a Mitologia foi superada pela Ciência!

6. rótula, rodinha em Latim, passou a **patela**, disco chato. A opção deve-se ao fato de disco chato lembrar melhor o formato do osso localizado no joelho.

7. Amígdala passou à **Tonsila** (tonsilla,-ae) **palatina**. A primeira forma oriunda de amygdāla, tem uma extensão no clássico amugdālē (em grego = amêndoa). As duas formas têm origem em idiomas diferentes e interfluentes na Língua Portuguesa. Por que optar pela forma latina?

¹² De origem latina (clavícula, -ae), dentre os significados possível encontra-se: Exigir o máximo de alguém.

8. Cúbito passou a **Ulna**, isto é, o osso vai do punho ao cotovelo (cúbito em latim). Mas outro osso do antebraço, o rádio, faz o mesmo.

Ulna no sentido próprio corresponde a antebraço; no sentido poético, a braço.

Há mais: AVC (Acidente Vascular Cerebral) *virou* AVE (Acidente Vascular Encefálico)!

E cálculo renal? Pedra nos rins?

Tem razão: cálculo é para a Matemática, a Engenharia ...

O uso lingüístico produz as mais imprevisíveis situações: imagine alguém mandando o outro calcular (sem máquina, sem números) ao invés de imaginar!

CONCLUSÃO

As palavras são nomes ou rótulos em relação às coisas.

Está mais do que comprovado a relação direta entre as palavras e as coisas por elas designadas. Com um substantivo frequentemente é possível desenhar/representar um objeto denotado.

Isoladamente, uma palavra pouco representa, mas, em conjunto, sofre influências de significado(s) e pode influenciar, contribuindo para a constituição de novos significados, com base em associações.

Sintagmas são constituídos e a presença do uso adjetival indica não uma qualificação, mas sim uma especificação, como é o caso de **mercado** – lugar público coberto ou ao ar livre onde negociantes expõem e vendem gêneros alimentícios e artigos de uso rotineiro.

Desse modo, surgem:

- **mercado aberto**: sistema adotado pelo Banco Central de um país, no qual título, especialmente letras do tesouro, são comprados e vendidos;

- **mercado cambial**: operação efetuada em bolsas;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- mercado de trabalho: estado da oferta e procura de emprego num país, numa região;

- **mercado financeiro**: conjunto formado pelo mercado de capitais e pelo mercado monetário;

- **mercado negro**: venda clandestina de produtos raros ou racionados por preços acima daqueles oficialmente estipulados...

De que modo as palavras podem significar?

A palavra passa a significar realmente não de modo isolado, mas a partir de um uso estrutural.

Saber, por exemplo, que duas frases são semelhantes, quanto ao significado, é saber que podem ser usadas em contextos semelhantes.

Estabelecer um conjunto de relações abstratas entre as frases, sem considerar aquilo a que se referem, seria o mesmo que descrever equivalências de um sistema. Determinar equivalência de significado não é determinar o significado e não há provas de que o conhecimento do significado de uma frase implique o conhecimento do contexto em que é usada.

Aquilo que, gramaticalmente, é uma afirmação, semanticamente pode ser uma ordem:

- Tu vens amanhã.

Pode-se, no caso, provocar uma ação, ao invés de dar uma informação.

É preciso observar ainda a falta de correspondência entre a função gramatical e a diferença existente entre afirmar, perguntar e ordenar.

Recorrendo-se à Semântica, adquire-se a capacidade de explicar as várias leituras possíveis de uma frase.

Conforme afirmou Wittgenstein (Cf. Palmer, [s/d.]: 42), *não procurem o significado de uma palavra, procurem o uso que dela se faz.*

De fato, as palavras têm poder e a função de influenciar com-

portamentos, modos de agir e de pensar, a partir de uma linguagem adequada com a capacidade de transmissão de mensagens. Existe uma grande variedade daquilo e naquilo que se chama *atos de fala*, dentro de uma especificidade e de uma finalidade.

Em verdade, é indispensável que os usuários de uma língua (idioma) tenham plena consciência de uma prática específica, a partir de uma generalização.

Ao se deparar, por exemplo, com o significado de Lei e pensar-se que se deve cumpri-la, surge então imediatamente uma questão: como cumprir-se plenamente aquilo que não se conhece integralmente?

O causídico não pede, ele peticiona – nem sempre para ele próprio, sim, para terceiros.

Há, no caso, um discurso entre um causídico e um não-causídico. Este deseja ou pleiteia algo, que aquele deve traduzir para uma linguagem específica, híbrida – uma mescla de Português e Latim – eivada de *brocardos*.

Assim, propõe-se a devida atenção à Língua *Mater*, lembrando-se de que, segundo Horácio (*Ars poetica* – vol. 70):

Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o que quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, Maria Helena. *Dicionário Jurídico*. São Paulo: Saraiva, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PALMER, F. R. *Semântica*. Lisboa: Edições 70, [s/d.].